

NÓTULA ACERCA DOS POVOS PASTORES E AGRO-PASTORES DO DISTRITO DE MOÇÂMEDES

O distrito de Moçâmedes forma um quadrilátero irregular, com 56 000 km², ocupando o extremo sudoeste de Angola. É bordejado a oeste pelo Atlântico, a sul pelo rio Cunene; a leste é limitado na sua maior extensão pela imponente barreira da «Serra da Chela», que na zona mais abrupta ultrapassa os 1000 m quase a pique (est. I); só a norte os limites com o distrito de Benguela não são marcados por importante acidente geográfico: 76 p. 100 da sua área estão sob a influência de um regime climático árido, onde a ocupação humana é nula ou insignificante, e 20 p. 100 estão sob um regime seminário ⁽¹⁾, têm fraco revestimento vegetal, fraco poder nutritivo para o gado e são sujeitos a fortes variações pluviométricas anuais, obrigando a grandes deslocções de pessoas e gados, quase sempre acompanhadas por elevada mortandade nestes. Apenas nas áreas situadas entre os 700 m e os 1200 m se encontram pastos de certo valor nutritivo, que mantêm ao longo do ano boas condições de palatibilidade; esta região beneficia também de uma precipitação mais regular, que se reflecte directamente na abundância e permanência dos pontos de água.

Assim, a distribuição da população autóctone é muito irregular: com condições de clima e de solo muito inóspitas, a maior densidade de população ocorre nos locais mais favorecidos pela qualidade de pastos, pela facilidade de água e, por vezes, pela possibilidade de estabelecimento de pequenos campos de cultura (fig. 1). Embora ainda não esteja ter-

⁽¹⁾ Números obtidos nos trabalhos em curso do Prof. ÁRIO DE AZEVEDO.

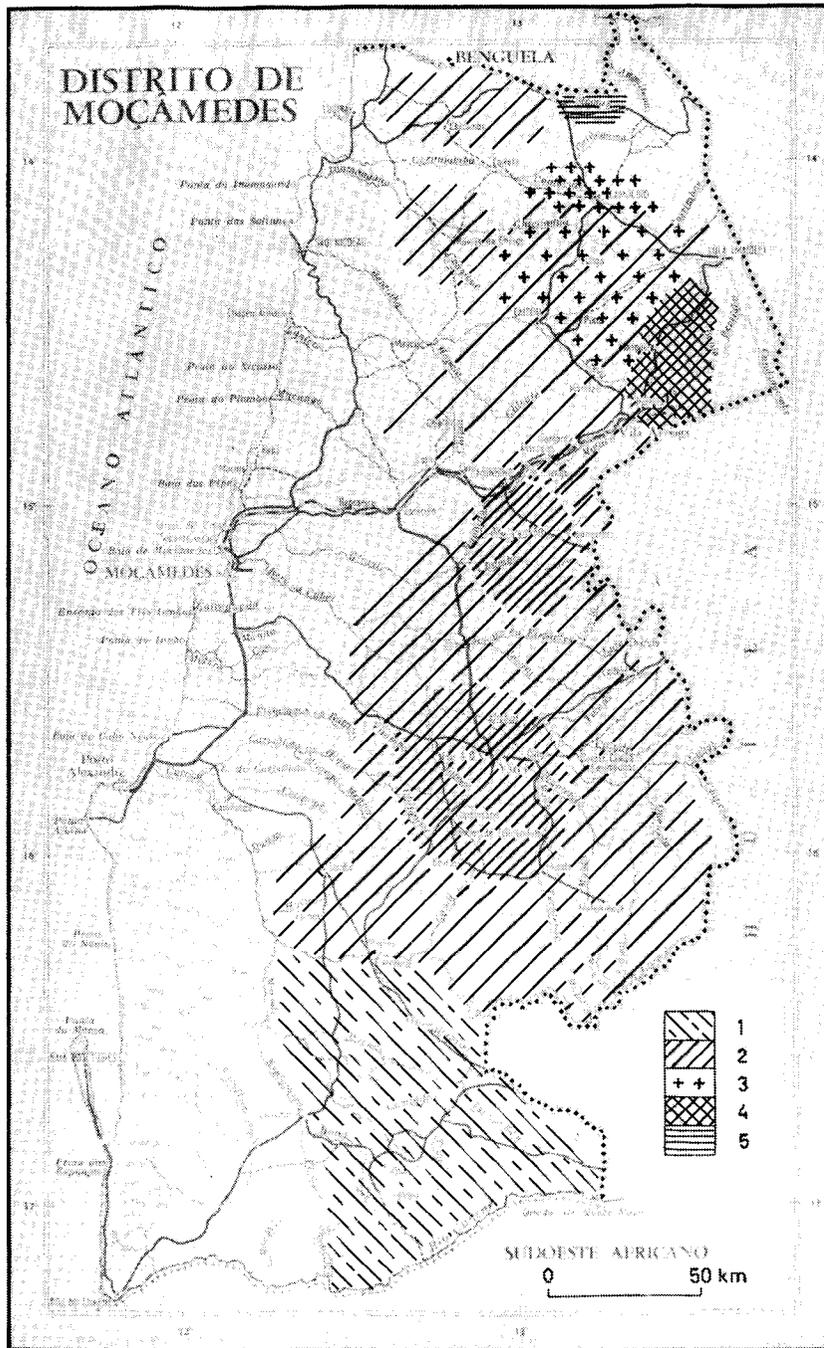


Fig. 1 -- Distribuição da população autóctone no distrito de Moçamedes.
 1 --- Muchimbas; 2 --- Mucubais; 3 --- Mutchilengues; 4 --- Muílas;
 5 --- Mucuanandos. Os traços mais apertados significam maior densidade de população.

minado o estudo da vegetação com interesse pascigoso e, portanto, não se saiba correctamente a carga pecuária óptima de cada mancha, cujo valor varia em função dos factores edáficos e pluviométricos, parece ser de admitir, *a priori*, que a irregularidade da distribuição da população é orientada por esses factores.

O Sul de Angola foi atravessado, ao longo dos séculos, em todos os sentidos, por fracas mas muitas migrações de povos pastores, nómadas, de que alguns se fixaram. Nos nossos dias, e na área agora em estudo, os principais são, de sul para norte, Muchimbas, Mucubais, Muílas e Mutchilengues, num total de 33 000 habitantes (fig. 1); em 1967, estes povos possuíam um pouco mais de 110 000 cabeças de gado ⁽²⁾, de que 72 p. 100 eram bovinos, ou seja, uma média de 3,3 cabeças de gado ou de 2,4 bovinos por habitante.

Muchimbas são povos criadores de gado, geralmente próprio. O seu «solar» estende-se do rio Cunene ao Curoca, exercendo os relevos do Tchemalingo o papel de limite oeste, pois, a partir dele para ocidente, entra-se francamente na área desértica onde só, de longe em longe, uma ou outra família muchimba, quase só por acidente, constrói, por poucas semanas, a sua frágil morada. Os rebanhos podem atingir 200-250 cabeças de gado grosso, tendo, além disso, quase sempre algumas ovelhas e cabras.

Vivem nos *sambos*, recintos circulares vedados por ramos de espinheiras entrecruzados, com «porta» do mesmo material, cujos «umbrais» são formados por dois troncos relativamente grossos e diretos. Dentro destas vastas áreas, onde todas as noites se recolhe o gado, constroem-se as cubatas, onde as pessoas se resguardam durante a noite, e os abrigos das crias (*samos*); muitas vezes encontra-se ainda o *chitomoha*, pequeno canteiro em que as mulheres cultivam tabaco (sempre estrumado com esterco de cabrito), milho e abóboras.

As cubatas são de forma elíptica (cerca de 1,80 m por pouco mais de 2 m e com 1,5 m a 1,70 m de altura), sem porta; por isso, de noite, há sempre uma fogueira à entrada; são feitas pela justaposição de troncos bem limpos e encostados

⁽²⁾ Dados fornecidos pela Administração local.

uns aos outros, revestidos por bosta (est. II, A). São os homens que as constroem, ajudados pelas mulheres, que transportam a água e bosta. No geral, cada palhota leva uma semana a construir. No chão, peles de boi, cabrito ou carneiro servem de cama.

Os abrigos para os bezeros, cabritos e borregos são um cercado idêntico ao do sambo, mas quase sempre com maior emaranhado de ramos, de modo a constituir eficaz protecção contra a fuga dos animaizitos; no interior pode ainda haver um pequeno espaço coberto para defender do sol os animais recém-nascidos. Na altura de armar o sambo e fazer as cubatas, todos os muchimbas da mesma área se podem ajudar uns aos outros, ainda que não pertençam ao mesmo sambo. Em cada sambo vive geralmente uma só família, mas é frequente encontrarem-se dois a dois, ajudando-se as pessoas nos respectivos trabalhos. Quando algumas famílias não têm gado grosso, juntam-se a outras que tenham bons rebanhos, ajudando-os, e ajudando-se, mantendo assim a proverbial solidariedade dos povos africanos. Por serem populações pastoris, o seu grande cuidado é tratar dos gados. Este é guardado pelos homens e pelos filhos ou sobrinhos (quando os há, naturalmente). No início do dia e logo a seguir à ordenha — trabalho sempre feito pelos homens —, o gado é tocado para fora do sambo e levado para o pasto; o itinerário percorrido em cada dia tem em conta que um pouco antes de o Sol atingir a maior altura o rebanho deve estar junto de pontos de água, para o gado beber à vontade ou, pelo menos, tanto quanto possível, segundo as características dos lugares de água e a quantidade de chuva caída nesse ano. O sítio do bebedouro é protegido com paus, formando como que uma entrada, para se poder vigiar bem o movimento dos animais, pois à medida que vão bebendo são apartados, para se não misturarem com os que já beberam e não se gerar a confusão. Esta cautela é norma seguida quando as nascentes são de pequeno caudal ou quando o ano vai seco, de modo a ser possível fazer um racionamento cuidadoso. Tarefa normalmente a cargo das crianças — é o início das suas responsabilidades... A distância máxima que o rebanho tem de percorrer entre os sambos e os pontos de água não deve exceder os 5 km; mas, quando são obrigados a maiores dis-

tâncias, o gado só bebe de dois em dois ou mesmo de três em três dias. Assim, os sambos podem ficar no mesmo lugar, desde algumas semanas até dois e três meses, sempre relacionado com a existência de água para o gado. Às vezes, havendo abundância de água, podem ficar todo o ano; neste caso o afastamento diário do gado está ligado à existência e à diversidade do pasto. No Tchicololongo, nas margens do Curoca e no Cambeno, é normal permanecerem todo o ano sem deambulações, porque, além de não haver mingua de água, no Cambeno permanece o soba tradicional.

Logo que os homens partem com os gados para o pasto, as mulheres ficam no sambo; enquanto o sol não «descobre» continuam sentadas à porta da cubata, fumando, conversando, bebendo leite azedo, ainda agasalhadas pelo calor da fogueira. Não raro, os seus arranjos pessoais ocupam-lhes largo tempo: além dos complicados penteados, têm de proteger a pele, untando-se cuidadosamente com uma mistura de vários ingredientes, em que a manteiga de vaca e pó de minério de ferro têm papel principal. Depois, começam os trabalhos do dia-a-dia: a apanha de frutos, tubérculos, galinhas-do-mato e pequenos roedores são os principais. A preparação das refeições não é complicada: diariamente, leite azedo e vegetais; e carne assada à fogueira, quando a há. O leite é batido todos os dias, de manhãzinha, pelos homens; carne de vaca só comem de tempos a tempos, quando matam expressamente alguma cabeça de gado ou quando aproveitam a carne de algum animal que morreu. Quando num sambo se mata boi é quase uma festa, pois todas as famílias, de um raio de uns 10 km em redor, se juntam para comer durante dois ou três dias. Matam com maior frequência no tempo seco, altura em que a quantidade de leite diminui consideravelmente.

De vez em quando aparece na cidade de Moçâmedes um ou outro muchimba pedindo trabalho por sua iniciativa, como servente ou criado, e até mulheres para fazerem o serviço de criadas e lavadeiras. Mas ainda é raro conservarem-se, por si, muito tempo fora do seu meio.

Mucubais são povos criadores de gado, embora hoje as mulheres pratiquem nos *arimbo*s (pequenas terrenos de cultivo

junto dos rios) um pouco de agricultura ⁽³⁾. A ocupação na agricultura é muito recente, pois ainda por 1940 só viviam da criação de gado, de cujos produtos exclusivamente se alimentavam.

Apesar do interesse novo pela agricultura, a criação de gado é inequivocamente a sua ocupação primeira, bem marcada, tanto no cuidado que prestam aos animais como na atenção que põem na procura de pastos; as deambulações diárias são feitas em função da possibilidade de encontrar água; procedem com frequência à deslocação do gado para terrenos ricos de sais, nunca deixam que o pasto chegue até ao fim, para que mais depressa possa regenerar à caída das primeiras chuvas (o que se traduz, embora sem que eles cientificamente o saibam, em óptima medida contra a erosão acelerada), etc.

Praticam uma transumância periódica, transumância feita com profundo conhecimento das regiões percorridas, tendo sempre em vista não sacrificar nem as manadas nem os pastos (est. VI, A e B). As deslocações dos gados são, em regra, antecedidas por batedores, que fazem a prospecção dos melhores pastos, cuja área varia de ano para ano, relacionada fundamentalmente com a quantidade de chuva e a época do ano em que esta cai.

De Dezembro a Março toda a família permanece junto dos rios, nas *ongandas* (morança-base), perto dos terrenos de cultura e dos pastos; a partir daquela data, começa a deslocação dos pastores: ou vão só os homens com os gados, se o ano tiver sido «bom» de chuvas e, portanto, houver abundantes colheitas, ou toda a família, no caso contrário. O mês de Julho marca, porém, em todo o lado, o início da grande transumância, a deambulação de todas as pessoas e gados em busca de melhor pasto, construindo e abandonando sucessivamente os vários *sambos* (idênticos aos dos Muchimbas), sempre cercados por arbustos e espinheiras, nos locais mais favoráveis (ou menos desfavorecidos) para a manutenção do

(3) Não há lavras separadas de homens e de mulheres; os produtos mais cultivados são milho e massango (*Pennisetum Spicatum*), abóbora e feijão, para comer; massambala (*Andropogon Sorghum*) para fazer bebida.

gado, durante algumas semanas. Em Outubro-Novembro o rumo geral é o da serra, onde as chuvas começam primeiro do que nas terras baixas; aí permanecem até Janeiro, altura em que as mulheres iniciam a descida para as lavras; quando as sementeiras estão prontas, chegam os homens e os gados para passarem de novo algum tempo na onganda. Nos anos falhos de chuva o problema da água é de máxima importância: nas terras arenosas dos leitos dos rios os homens abrem covas (*cacimbas*), que rapidamente se enchem de água, protegendo-as com paliçadas para impedir que o gado as espezinhe e suje; na hora de dar de beber aos animais, os garotos fazem a divisão do gado, só deixando ir beber uns tantos animais de cada vez e separando, cuidadosamente, os que já beberam dos que ainda aguardam (est. VII, A). Mais difícil do que esta abertura de cacimbas nos leitos arenosos dos rios é a abertura de poços, sempre necessária quando há minguia de cursos de água...

As casas das ongandas são redondas, apenas de pau a pique, ou elípticas, de pau a pique revestido por bosta, com cobertura cônica, de capim, raras vezes possuindo porta. Sentadas junto dos restos da fogueira, que toda a noite arde à entrada das casas, passam as mulheres o início dos seus dias, enquanto vão comendo papas de milho e bebendo leite (est. II, B e III).

Em todas as ongandas e sambos continuam a existir os grandes samos para o gado, vedados por arbustos e espinheiras, e, neles, quase sempre a distinguem-se as áreas mais pequenas e mais bem protegidas, destinadas aos bezerros, resguardadas por cima com ramos e folhas, assim como as dos recém-nascidos, para que o sol, forte, não lhes faça mal (fig. 2). No mesmo sambo é corrente a existência de 70-80 cabeças de gado adulto ⁽⁴⁾, uma vintena de bezerros e meia dúzia de crias. De manhã cedo procede-se à ordenha, à separação do leite em cabaças diferentes, consoante o destino a dar-lhe, e bate-se a manteiga (*gunde*). Embora sejam trabalhos tradicionalmente feitos pelos homens, hoje já se vêem

(4) Dentro de cada manada há sempre que distinguir o melhor boi, que será sacrificado por morte do dono (além dos que servirão de repasto fúnebre), e os animais sagrados, frequentemente fêmeas.

muitas mulheres dedicarem-se a estas tarefas, enquanto os homens saem com os garotos para apascentar os gados.

Do rio Curoca até ao Munhino são não só o povo principal como quase exclusivo; para norte deste rio há uma

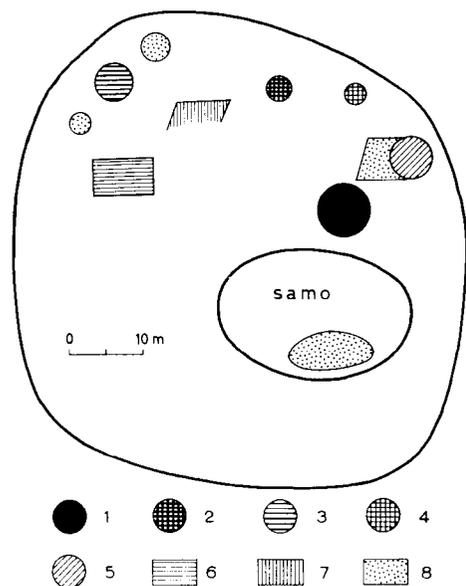


Fig. 2 — Sambo de mucubais com abrigo para as crias (samo).

1 — Casa do chefe; 2 — casa da mãe do chefe; 3 — casa de hóspedes; 4 — casa de rapazes; 5 — casa dos pastores; 6 — secadores; 7 — cozinha; 8 — abrigos de gado.

As áreas de mutiáti (*Colophospermum mopane*), arbusto edafo-climático de zonas baixas, condicionam a existência deste povo pastor, por o arbusto proporcionar pastos doces pala-

(⁵) Este povo tem no distrito da Huíla uma importância maior do que no de Moçâmedes, quer pelo número de indivíduos, quer pelo valor do gado.

(⁶) Na área do Virei havia no Verão de 1967 uma só família mucubal com mais de 3000 cabeças de gado grosso, além de numerosas cabras e ovelhas.

(⁷) Este povo é tido como dos mais antigos na região e, tendo sido escorraçado por hordas de invasores, é considerado como de

táveis de que o gado come a folha, tanto em verde, tenra, como depois de seca. A região do Lungo, caracterizada pelo mutiáti, é, por isso, área de predomínio de mucubais.

Muílas — Atravessando o rio Benteaba na direcção de Vila Arriaga, entra-se na região chamada *Pé da Serra* ou *Serra Abaixo*, já de dominância dos Muílas, cujo *solar* se encontra, porém, no planalto (est. V, B).

Os Muílas são criadores de gado, embora, dentro da área das próprias ongandas, tenham terra de cultura (⁸), que estruturam (⁹) com cinza da cozinha, carolo de milho e estrume do gado; mesmo com estes fertilizantes, porque a terra é muito fraca, não se pode cultivar por muitos anos seguidos no mesmo sítio: por isso, por um lado, dentro da onganda, a terra de cultivo e as cubatas ficam sujeitas a rotação; por outro, eles não se conservam muito tempo no mesmo lugar (fig. 3 e est. IV, A). No tempo das chuvas, o gado pode pastar longe das ongandas, trocando-se os pastores de dias a dias; na estação seca pasta sempre perto da serra.

As casas continuam a ser rudimentares, de justaposição de troncos de árvores e tecto cónico coberto de capim, muitas vezes já com porta. A cama continua a ser uma pele (as de olongo ou boi são as mais usuais), mas, ao contrário do que acontece nos outros povos, onde esta assenta directamente no chão, hoje quase sempre se usa a cobrir um rectângulo de paus.

Porventura, nos Muílas, embora bons criadores de gado, o número de cabeças vai diminuindo — em pouco tempo um

«raça inferior» pelos outros povos, provavelmente por viver em regiões de muito difícil acesso, não fazer agricultura e não possuir gado. Alimentam-se de mel e caça; por vezes aproximam-se dos Muchimbas para poderem beber leite. Na área do Virei aparecem alguns, porventura os mais aculturados; na base da serra da Chela (serra da Neve) parece serem mais abundantes e manterem-se menos aculturados.

(⁸) Abrem pequenos covachos, com 60-70 cm de fundo por 50 cm de largo; neles se colocam duas ou três «mãos» de estrume e, em seguida, três ou quatro grãos de milho; no mesmo terreno, mas em covas separadas, semeiam feijão e abóbora.

(⁹) Massambala e massango não precisam de estrume; só o milho.

rebanho de 60-70 animais pode ficar em grande parte reduzido sem ser devido a qualquer modificação fundamental: apenas porque, com a proibição do fabrico de bebidas fermentadas a partir dos milhos miúdos, vendem frequentemente o gado para comprar vinho ⁽¹⁰⁾, sendo vulgar encontrarem-se em completo estado de embriaguês durante alguns dias, junto

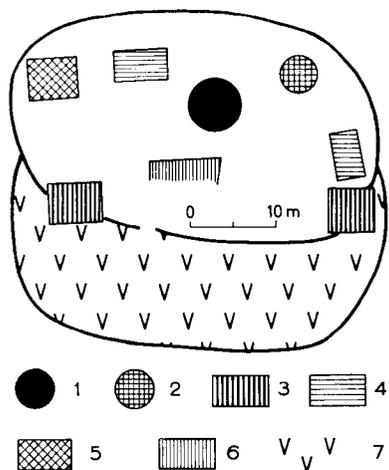


Fig. 3 — Onganda de muilas, com área de cultura de milho. 1 — Casa do chefe; 2 — casa de rapazes; 3 — quartos das mulheres e de visitas; 4 — secadores; 5 — celeiros; 6 — cozinha; 7 — milho.

das tascas, que hoje pululam por toda a região; e, uma vez embriagados, fazem distúrbios e causam prejuízos que, quase sempre, têm de pagar por preço exagerado. Também é frequente ir, com a família e amigos, em grupos numerosos, «instalar-se» nos quartos que expressamente para esse fim há à roda de todas as vendas e aí ficarem uma ou duas semanas em estado permanente de embriaguês; por este sistema podem perder, num mês, duas ou três cabeças de gado e até mais... ⁽¹¹⁾.

Em relação ao gado miúdo, é frequente trocarem cabritos e galinhas por sabão, milho por arroz; porcos nunca

trocamos, são só para comer ⁽¹²⁾; quanto ao gado grosso... só o trocam ou vendem em caso de grande necessidade; além, como se viu, das perdas com o vício da bebida.

⁽¹⁰⁾ O mesmo fenómeno, porventura ainda mais acentuado, ocorre entre os Uncuandos.

⁽¹¹⁾ Foi-me contado por um taberneiro local que um pequeno grupo de quatro muilas, numa só semana, por bebida, pagamento de distúrbios e de apostas, ficou sem dez cabeças de gado. Também às vezes vendem gado miúdo: cabritos a 25\$-30\$, cabras entre 50\$ e 100\$.

⁽¹²⁾ Uma família média (5-6 pessoas) pode matar três porcos e dois cabritos por ano.

Mutchilengues são ainda povos agro-pastores, revelando, contudo, menos eficiência no cuidado com os gados (que ficam, por vezes, dois e três dias sem ração de água e rapando o capim até à sua total desapareição), maior técnica agrícola (de que resulta maior estabilidade das ongandas) e um interesse pela agricultura que os outros povos mais dedicados ao pastoreio desconhecem (est. V, A). Por isso, à medida que têm vindo do Leste, progressivamente têm ocupado os vales largos e têm transformado as suas margens argilosas (*matelas*) em terras agricultáveis de propriedade pessoal e transmissível ⁽¹³⁾. As culturas dominantes são milho grosso, massango, massambala, abóbora e mandioca.

O homem «abre machamba», isto é, prepara o terreno onde a mulher faz depois todos os trabalhos agrícolas (est. IV, B). Nestes terrenos férteis pode-se cultivar vários anos seguidos: 10-12 não são raros.

A técnica do cultivo da massambala é curiosa e simples: num ano limpa-se todo o terreno, faz-se uma cava superficial e semeia-se a massambala ao caírem as primeiras chuvas; em boa terra, durante os dois ou três anos que se seguem, basta limpar o terreno no fim da época seca, pois a massambala nascerá *por si*, no início das chuvas. Só em terreno muito mau é preciso fazer as sementeiras anualmente. A época em que começa a chover e a quantidade de chuva determinam as outras culturas. Se chove bastante e relativamente cedo ⁽¹⁴⁾, as matalas podem suportar uma cultura de milho grosso; quando a chuva começa por fins de Março ou mesmo Abril, já é demasiado tarde para esta cultura; por isso, em 1967, a produção de milho grosso, nesta área, foi muito fraca; então, os campos de milho foram transformados em campos de massango, de ciclo vegetativo mais rápido, de menor exigência quanto à qualidade do solo e mais resistente às prolongadas estiagens. Sachas e vigias contra as aves são,

⁽¹³⁾ Pelo menos na área do Lungo, as lavras podem ser herdadas de tios para sobrinhos; e quando um homem mutchilengue casa com uma mulher que possui terras, apenas passa a usufruí-las, nunca ficando senhor delas.

⁽¹⁴⁾ A quantidade de chuva anual anda à roda dos 600-700 mm, mas é bastante irregular, não só na quantidade como na época em que começa a cair.

também, trabalho de mulher; geralmente, dá-se a «ajuda» entre várias famílias, recompensada com bebida abundante na casa da mulher ajudada. As ceifas fazem-se logo no fim das chuvas (em fins de Março ou Abril já o massango está normalmente maduro). Depois das maçarocas secas, quer naturalmente, quer forçadas em fornos pequenos de terra, são batidas com paus em eiras improvisadas, construídas pelas mulheres. Só depois de joeirado o massango é guardado em cestos, tanto em casa como em celeiros.

Muitas vezes as matalas encontram-se a alguns quilómetros de distância dos quimbos, distância que as mulheres percorrem a pé, não sendo motivo para mudança dos quimbos. Eles mudam por duas razões: quando se junta demasiado estrume nos samos e quando as casas ficam muito velhas. A quantidade de estrume depende, naturalmente, da quantidade de gado; a casa dura, em média, seis a sete anos; a cobertura não aguenta mais do que três ou quatro, nunca sendo retocada, mas totalmente substituída por capim novo. São os homens que procuram no mato os melhores paus, tanto para a estrutura da casa como para a da cobertura; mas as mulheres dão a sua contribuição apanhando o capim e levando-o, em molhos, para perto da casa.

Os quimbos cobrem, quase sempre, uma área relativamente grande; neles ficam abrangidas as casas dos homens e suas mulheres e casas para hóspedes, sempre de pau a pique, sem qualquer revestimento e cobertas de capim; currais de gado grosso, porcos e crias, tudo bem cercado por paus de espinheiras para assegurar uma protecção de certo modo eficaz (fig. 4). Quando há mais de um casal, a distribuição dentro do quimbo é idêntica. Nunca há cozinhas separadas. Cada casa, além de ser o local de dormida, sobre peles, serve também de local de guarda de mantimentos e de confecção das refeições quando chove; mas estas normalmente são feitas junto das cabanas, ao ar livre. A manteiga de leite azedo (*gunde*), leite azedo com papas de milho e carnes, de vez em quando, são a base da monótona alimentação.

Este povo está em franca expansão, encontrando-se muitas lavras novas junto dos principais rios, o que justifica plenamente o dizer-se: «onde tem matela vai mutchilengue». Também muitas vezes, hoje, os Mutchilengues ocupam terras que

outrora foram de mucubais; não por os terem escorraçado, mas porque encontraram vagos terrenos que lhes convinham para apascentar os gados, além de boas várzeas totalmente devolutas. Isto porque, à medida que os brancos progrediam na região, os Mucubais a abandonavam... Um bom exemplo é dado pela região do Camocuiu, onde, ainda há escassa dezena de anos, dominavam os Mucubais; actualmente estão em igualdade numérica com os Mutchilengues, servindo a estrada de «fronteira».

Nos últimos anos, principalmente, as áreas mais aptas para a pastorícia têm sido alvo especial do interesse da Administração e muitos pontos de água e pequenas baragens têm sido construídos ou melhorados (est. VII, B). Mas o problema da transumância é muito importante e apresenta dificuldades várias de resolução. Urge, por isso, completar o estudo da vegetação,

com o do clima e dos solos, de modo a poderem orientar-se as populações nativas para, se possível, uma evolução mais racional e mais rentável da sua economia e não as afugentar com o estabelecimento não cuidadosamente estudado de criações «de brancos», criações que, falhas de um apoio técnico suficiente, em pouco tempo se poderão transformar

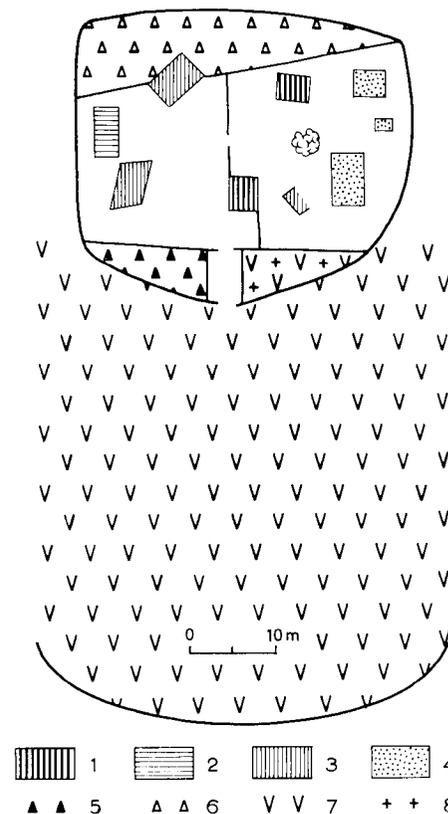


Fig. 4 — Quimbo de mutchilengues.
1 — Casas; 2 — secadores; 3 — cozinhas;
4 — gado; 5 — batata-doce;
6 — mandioca; 7 — milho;
8 — massambala.

em desastre económico, pela necessidade de fazerem uma transumância extensiva tal como a dos nativos, vindo a sobrecarregar os pastos e os pontos de água destes de maneira insustentável.

RAQUEL SOEIRO DE BRITO

RÉSUMÉ

Notice sur les populations pastorales et agro-pastorales du district de Moçâmedes (Angola). Le district de Moçâmedes, qui s'étend sur 56 000 km², compte une population autochtone de 33 000 habitants se consacrant tous à l'élevage du bétail. La répartition de cette faible population est très irrégulière, en raison des conditions climatiques: la zone littorale sud est complètement déserte tandis que les plus fortes densités de population s'observent à l'ENE, entre 700 m et 1200 m d'altitude, là où la répartition des précipitations est moins irrégulière et où, en conséquence, les pâturages ont une valeur nutritive plus forte et plus constante au cours de l'année.

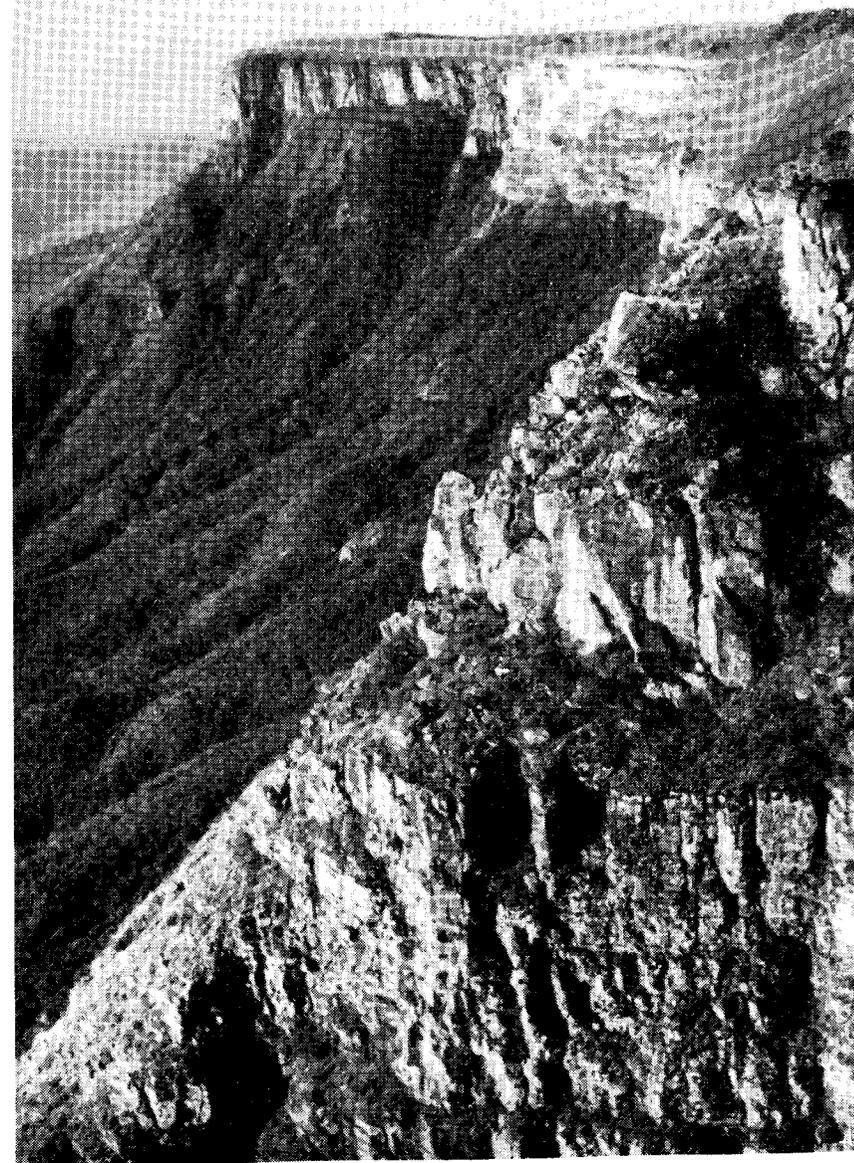
Les principales populations que occupent aujourd'hui cette région sont, du Sud au Nord, les Muchimba, les Mucubai, les Muila et les Mutchilengue. Les deux premières vivent uniquement de l'élevage du bétail, bien qu'on trouve parfois, à l'intérieur des *sambo* — grandes enceintes circulaires où se rassemblent bêtes et gens —, de petits enclos où les femmes cultivent du tabac et parfois des courges ou même un peu de maïs. Mais c'est le soin du bétail qui occupe exclusivement les hommes et qui provoque les déplacements des *sambo*.

Chez les Mucubai, l'agriculture s'étant développée au cours des dernières décennies, les femmes en viennent à descendre de la montagne vers les plaines alluviales avant les hommes et le bétail. Le séjour en plaine dure de février à septembre, les hommes se déplaçant journellement avec le bétail pendant que les femmes cultivent le maïs.

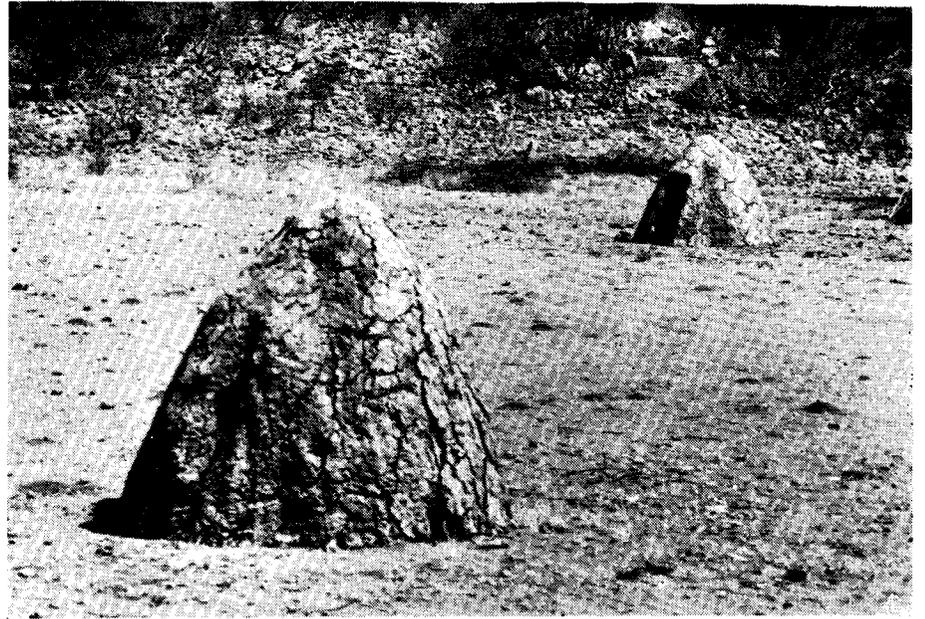
Les Muila ont toujours dans leur *onganda* (enclos familial) des terres en culture et c'est en fonction de leur épuisement qu'ils effectuent leurs déménagements. Il arrive que le bétail pâture à assez grande distance, gardé par des bergers qui se relaient à quelques jours d'intervalle.

Les Mutchilengue, bien que le bétail reste pour eux la ressource essentielle, s'adonnent beaucoup plus à l'agriculture que les autres populations. Venant de l'Est, ils cherchent à s'installer sur les berges argileuses des cours d'eau et y créent des propriétés personnelles et transmissibles.

La transhumance est d'une importance vitale pour les populations du district et il est urgent d'en faire l'étude en vue d'une mise en valeur régionale.



EST. I -- O planalto e a encosta de Oeste.



EST. II, A — Cubatas de muchimbas, revestidas de bosta.



EST. II, B — Mulheres mucubais conversando junto do fogo da refeição da manhã.



EST. III — Mulher mucubal.



EST. IV, A — Onganda de muilas.



EST. IV, B — Matela de mutchilengues: uma mulher vai partindo as canas de milho, enquanto a queimada, para a limpeza do terreno, avança.



EST. V, A — Meninas mutchilengues.





EST. VI, A e B—Gado de mucubais.



EST. VII, A -- Cacimba tradicional aberta no leito de um rio para o gado beber.



EST. VII, B — Albufeira, um moderno bebedor para gado.

SUMMARY

Some Remarks on the Pastoral and Agro-Pastoral Populations of the District of Moçâmedes (Angola). The district of Moçâmedes, with an area of 56,000 km², has a native population of 33,000 inhabitants, engaged in stockbreeding. The distribution of this scanty population is very irregular for climatic reasons: the south littoral area is completely desertic, the highest densities of population are in the ENE, between 700 and 1,200 m altitude, where the rainfall is less irregular and, consequently, the pastures provide better and more constant food for the cattle throughout the year.

The chief populations now living in this region are, from south to north, the Muchimba, the Mucubai, the Muila and the Mutchilengue. The first two are exclusively stockbreeders, though sometimes the women grow tobacco and, on occasion, gourds and even a little maize in small enclosures inside the *sambos*—large circular compounds for animals and humans. However, cattle is the exclusive occupation of the men and the reason for moving the *sambos* from place to place.

As for the Mucubai, since farming has developed in the course of these last decades, the women leave the hills and go down to the alluvial plains ahead of the men and the herds. They stay in the plain from February to September, the men going about daily with the cattle while the women grow maize.

The Muila always have farming land inside their *onganda* (family enclosures), and only move when the soil is exhausted. Sometimes the cattle grazes very far away under the care of the shepherds, who work in several days' shifts.

The Mutchilengue, though cattle is their essential resource, engage in farming far more than the other populations. Coming from the east, they try to settle on the clay banks of watercourses and create there personal conveyable property.

Transhumance is of vital importance for the populations of the district, and it is urgent to study it for regional improvement purposes.